

# A ESCOLA “RESISTENTE”: PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS PARA A VALORIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE ESCOLA<sup>1</sup>

■ CATERINA BENELLI

<https://orcid.org/0000-0002-2650-6355>

Universidade de Messina, Itália

## RESUMO

Os testemunhos escritos pelas professoras nos permitem entrar “na ponta dos pés” nas páginas da História, de suas histórias para melhor conhecer e compreender uma profissão ainda nas sombras. As histórias de vida das professoras e dos professores são verdadeiras “jazidas de histórias” e o objetivo da contribuição é trazer à tona e valorizar essas narrativas. Por meio dos testemunhos autobiográficos dos profissionais da educação e, ao mesmo tempo, de estudantes, emergem histórias inusitadas, de “resistência”, preciosas micro-histórias que narram um tempo, um grupo social, toda a comunidade. A contribuição faz uso de experiências autobiográficas na escola em colaboração com a *Libera Università dell’Autobiografia di Anghiari – LUA*<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** *Maestre*<sup>34</sup>. Histórias profissionais. Oficinas autobiográficas na escola.

## RIASSUNTO

### LA SCUOLA “RESISTENTE”: PRATICHE AUTOBIOGRAFICHE PER LA VALORIZZAZIONE DELLE STORIE DI SCUOLA

Le testimonianze scritte dalle maestre ci permettono di entrare “in punta di piedi” nelle pagine della Storia, delle loro storie per meglio

1 Texto originalmente escrito em língua italiana. Tradução para língua portuguesa feita por Anderson Spavier Alves, Doutor em Culturas, Deficiências e Inclusão: Educação e Formação pela *Università degli Studi di Roma “Foro Italico”*. Revisão em língua portuguesa feita pelo próprio tradutor. E-mail: [andersonspavier@gmail.com](mailto:andersonspavier@gmail.com).

2 Nota do Tradutor: Para se referir à instituição *Libera Università dell’Autobiografia di Anghiari*, cuja tradução livre seria “Universidade Livre da Autobiografia de Anghiari”, será sempre utilizado o acrônimo LUA. Anghiari é uma cidade da província de Arezzo, na região da Toscana, Itália.

3 Nota do Tradutor: nesta tradução, os nomes próprios em língua italiana serão escritos em itálico, assim como o uso de palavras estrangeiras em relação às línguas italiana e portuguesa. Algumas palavras grafadas em itálico pela própria autora possuem nota de rodapé com essa referência.

4 Nota do Tradutor: em língua italiana, *maestra/maestro* geralmente é nome dado à professora e ao professor da Educação Infantil (*Scuola dell’Infanzia*) e do Ensino Fundamental I (*Scuola Primaria*). No texto, a autora utiliza a palavra “*maestra*” (no singular), “*maestre*” (plural de *maestra*) e “*maestri*” (no masculino e no plural, porém, não fazendo uma referência ao gênero, mas à categoria de docentes). Estas palavras serão escritas em itálico por escolha do tradutor.

conoscere e comprendere una professione ancora *nell'ombra*. Le storie di vita delle e degli insegnanti sono dei veri e propri “giacimenti di storie” e l’obiettivo del contributo è di far emergere e valorizzare tali narrazioni. Attraverso le testimonianze autobiografiche dei professionisti dell’educazione e, al contempo degli studenti, emergono storie inconsuete, di “resistenza”, preziose microstorie che raccontano un tempo, un gruppo sociale, l’intera comunità. Il contributo si avvale di esperienze autobiografiche a scuola in collaborazione con la *Libera Università dell’Autobiografia di Anghiari – LUA*.

**Parole chiave:** Maestre. Storie professionali. Laboratori autobiografici a scuola.

## ABSTRACT

### THE “RESISTANT” SCHOOL; AUTOBIOGRAPHICAL PRACTICES FOR THE VALORIZATION OF SCHOOL HISTORIES

The testimonies written by the teachers allow us to enter “tiptoe” in the pages of history, of their stories to better know and understand a profession still in the shadows. The life stories of the and teachers are real “deposits of stories” and the goal of the contribution is to bring out and enhance these narratives. Through the autobiographical testimonies of education professionals and, at the same time, students, unusual stories emerge, of “resistance”, precious microstories that tell a time, a social group, the entire community. The contribution makes use of autobiographical experiences at school in collaboration with the *Libera Università dell’Autobiografia di Anghiari – LUA*.

**Keywords:** Teachers. Professional stories. Autobiographical workshops at school.

## Promover a prática autobiográfica na escola

A literatura pedagógica, desde o final dos anos noventa do século passado, tem confirmado as potencialidades da escrita de si como um eficaz dispositivo de autoformação e de formação capaz de acompanhar quem escreve, sem obstáculos, na reflexão sobre sua própria atividade profissional para melhor questionar-se, ler as dinâmicas interpessoais, orientar-se para encontrar novos significados e novos caminhos a seguir (DEMETRIO, 2003; BAGLIO, BENELLI, COPPOLA, 2019). São inúmeras as pro-

fessoras que, nas últimas décadas, sentiram a necessidade e a urgência de escrever sobre si (autobiografias, diários e memórias profissionais/pessoais) e de entregar memórias e emoções à palavra escrita, trazendo à tona toda a complexidade do papel social da mulher professora. *Maestre* que escreveram e publicaram seus testemunhos autobiográficos para deixar vestígios de uma história profissional (e pessoal) tão significativa na história social contemporânea. Suas publicações permitiram

trazer à luz a vivência e a experiência de uma profissão que nunca foi suficientemente conhecida e valorizada. Os testemunhos escritos pelas *Maestre* nos permitem entrar “na ponta dos pés” nas páginas de suas histórias para melhor conhecer e compreender uma profissão ainda *nas sombras*<sup>5</sup> (BANDINI, BENELLI, 2011). Igualmente numerosas são as oficinas autobiográficas promovidas em escolas de todos os níveis e etapas em mais de vinte anos de atividade da LUA: uma associação cultural presente no território nacional italiano desde 1999 e fundada com o objetivo de promover a cultura autobiográfica através de cursos na Escola de Formação *Mnemosyne*<sup>6</sup> e atividades de pesquisa voltadas para sujeitos diversos e presentes em vários setores educacionais e culturais. São mais de vinte anos de formação no uso de metodologias autobiográficas e no cuidado de histórias de vida cujo objetivo é de formar pessoas apaixonadas pela escrita como prática de cuidado de si e de pesquisa existencial e profissionais da educação e do cuidado (DEMETRIO, 2012; 2003; 1998; 1996).

Conforme anunciado no título, as práticas autobiográficas remetem ao tema da “resistência” entendida nesta contribuição como luta pelo direito à educação, à instrução e ao bem-estar de todos os cidadãos, ninguém excluído, através de formas e modalidades predominantemente vinculadas às práticas de narrativas e de escrita de si para dar voz a todos os atores que, por motivos diversos, habitam a escola (BENELLI, 2020). Se a “resistência” ocupou páginas importantes da história italiana contemporânea, a história da educação e da escola teve espaços menos significativos, mas igualmente relevantes. Basta pensar em figuras de *Maestri* que lutaram pela educação para todos (AGLIERI, AUGELLI, 2020), além dos interessantes estudos que proporcionaram novas percepções

sobre o papel do professor (GENOVESI, RUSSO, 1996; SANTONI RUGIU, 2006).

No período da pandemia de Covid-19, em nível global, muito se falou da escola e do papel dos professores que se revelaram portadores de atitudes e posturas profissionais e pessoais diversas: da desresponsabilização diante de uma emergência sanitária e educacional também por falta de competências de gestão da emergência, à assunção sobre si da situação de crise com a implementação de respostas eficazes, inovadoras e de combate à exclusão. E é a estas figuras que devemos visar através da valorização de sua ação profissional.

Nesse difícil período histórico, portanto, percebeu-se a necessidade da escola como ambiente prioritário de aprendizagem e de socialização e, mais ainda, o papel insubstituível de professores resistentes e combativos. Entendeu-se – finalmente e mais ainda – que a escola não somente facilita a construção de competências, mas é o verdadeiro laboratório experimental da democracia.

Vieram à tona pela imprensa, especialmente a partir de 2020, notícias de experiências didáticas corajosas, excepcionais, de inovações significativas que em outros momentos não teriam merecido sequer uma linha nas páginas da comunicação pública. Naturalmente, estão presentes há muito mais tempo experiências didáticas inclusivas promovidas por professores especializados que, muitas vezes, se movendo na sombra da história tradicional e conhecida por muitos, experimentaram e amadureceram metodologias de ensino inovadoras, originais que atendem às reais necessidades dos estudantes e da escola contemporânea.

Os testemunhos biográficos das *maestre* contam experiências muitas vezes desconhecidas ou conhecidas por poucos e são verdadeiras “jazidas de histórias”, que atravessam vários períodos históricos e contextos geográficos, cuja ação educativa facilitaram pro-

5 Nota do Tradutor: itálico da autora.

6 Nota do Tradutor: itálico da autora.

cessos formativos, condicionando o futuro de gerações e contribuindo para história social do período (BETTI, 2016; BENELLI, 2020, 2013). Trata-se de histórias invisíveis, nas sombras, histórias de vida de profissionais sem voz: são protagonistas de um tempo e de uma história que precisa sempre ser investigada e cruzada.

As histórias de vida das e dos professores são “jazidas de histórias” (BENELLI, 2019). Se todo período histórico é atravessado por acontecimentos que envolvem a sociedade, o mundo da escola e da formação das novas gerações também está implicado, assim como as figuras profissionais que trabalham cotidianamente no mundo da escola. O período entre 2020 e o início de 2021 viu a presença, em sala de aula, de mestre que tiveram que se inventar, se equipar para resistir à emergência da pandemia de Covid-19, procurando garantir a formação para todos os estudantes através do ensino a distância, mas que lhes permitiram ativar formas diversas de contato, de relação. Sobre tais ações resistentes, seria útil e necessário indagar para compreender melhor o impacto formativo da profissão docente em um período de crise pandêmica. Em especial, o surgimento, a documentação e a análise de testemunhos autobiográficos escritos para falar de si e contar situações de emergência, restaura uma atmosfera, um tempo, uma história profissional e métodos didáticos resistentes para efeitos de uma escola inclusiva.

## Boas práticas autobiográficas na escola

Nos últimos vinte anos, as professoras das escolas de todos os níveis e etapas sentiram a necessidade de participar das atividades formativas promovidas pela LUA, conscientes de poderem adquirir maior competência na prática da escrita de si através da experiência direta, experiencial e pessoal. Posteriormente, com

uma competência adquirida em primeira pessoa, foram planejadas e ativadas intervenções formativas autobiográficas na escola, algumas das quais publicadas na série “*I Quaderni di Anghiari*”<sup>7</sup>, da editora *Mimesis*<sup>8</sup>: coleção criada pela LUA e dedicada à reflexão e à valorização de boas práticas autobiográficas em âmbitos formativos diversos.

Durante os anos de 2015 e 2019, foi iniciado e concluído o projeto *Nati per scrivere*<sup>9</sup><sup>10</sup>: uma experimentação de oficina autobiográfica em escolas do Ensino Fundamental I e que desenvolve um modelo de intervenção em sala de aula de práticas autobiográficas (DANIELI, MACARIO, 2019). O projeto, promovido pela LUA, nasceu com o objetivo de desenvolver um percurso de escrita autobiográfica com crianças, em nível nacional, com duas questões de referência: *A paisagem fora e dentro de mim*<sup>11</sup> como tema de solicitação narrativa e escrita autobiográfica e o vínculo com a biblioteca como locus de promoção de cultura de si. Foram envolvidos na intervenção autobiográfica novecentos (900) meninos e meninas de escolas do Ensino Fundamental I de vinte e dois (22) municípios italianos, acompanhados por formadores especialistas em metodologias autobiográficas que colaboraram com as escolas e as bibliotecas dos municípios envolvidos no projeto, criando uma rede e uma sinergia para o desenvolvimento da cultura autobiográfica e a educação para a memória e para as histórias de vida individuais e coletivas.

O projeto “*Nati per scrivere*” foi, então, aplicado, também, em uma pesquisa autobiográfica em Lampedusa, ilha mediterrânea conhecida pelos desembarques e as inúmeras mortes no mar. Dentre outras ações formativas no

7 Nota do Tradutor: Os Cadernos de Anghiari seria a tradução livre para “*I Quaderni di Anghiari*”.

8 Nota do Tradutor: itálico da autora.

9 Nota do Tradutor: a tradução livre de *Nati per scrivere* seria “Nascidos para escrever”.

10 Nota do Tradutor: itálico da autora.

11 Nota do Tradutor: itálico da autora.

território de Lampedusa promovidas pela LUA, foi realizado um curso autobiográfico na instituição escolar da ilha: uma intervenção que representou um modelo de pesquisa-ação para a ativação de processos reflexivos, de conscientização da história da comunidade e para a promoção e a valorização das relações de inclusão a partir da escola em um “território de fronteira” como a ilha de Lampedusa (BENELLI; BENNATI; BENNATI, 2019).

Em março de 2020, a escola, na Itália, deixou de funcionar e, com isso, tudo aquilo que envolvia relações de proximidade; as escolas permaneceram fechadas por vários meses e experimentamos, pela primeira vez na vida, a impossibilidade de nos encontrarmos, de nos abraçarmos e de apertarmos as mãos. As atividades da LUA também, inicialmente, tiveram que ser interrompidas, interrogando-se sobre como prosseguir. Nos dias imediatamente seguintes, mais vozes começaram a se perguntar como apoiar as pessoas – grandes e pequenas – nesta nova, e por vezes dramática, experiência de confinamento.

O grupo de planejamento iniciou, então, o projeto “*Scrivere di sé ai tempi del Coronavirus*”<sup>12</sup> (CAPELLINO; DEGASPERI, 2021) dirigido às pessoas, individualmente, e para as escolas de todos os níveis e etapas, divulgando-o por todo o território nacional e abrindo uma específica conta de e-mail para o recebimento das escritas. Após a coleta das contribuições e mais de um ano após o primeiro *lockdown*<sup>13</sup>, o grupo de pesquisa foi capaz de constatar

o quanto a escrita autobiográfica contribuiu para o bem-estar dos escritores.

Os mais de oitocentos (800) escritores que aceitaram o convite, enviaram suas contribuições de várias maneiras: correspondências pessoais, escritos coletados por vários profissionais, escritos enviados por escolas e escritos doados por poetas e escritores. A maioria deles produziu reflexões e pensamentos, mas, também, houve muitíssimas palavras poéticas, cartas e páginas de diários escritos nesses meses, enquanto histórias, fábulas, fotografias, desenhos e material multimídia representaram uma parte menor, mas, certamente, não menos significativa. Trata-se de um material autobiográfico multiforme: sinais, traços, vestígios de uma escrita de si que assumiu toda força e dignidade de uma escrita autobiográfica mais tradicional.

A partir da experiência finalizada, pode-se observar um grande poder *emancipatório*<sup>14</sup> da escrita, uma ferramenta para aumentar a própria confiança na vida e para conseguir relacionar-se com acontecimentos tristes, dolorosos e trágicos como os da pandemia. Depositar a dor e o desalento no papel permite combatê-los, superar os momentos mais difíceis sem se deixar paralisar por essas emoções, sem consentir que o medo se transforme em angústia. A página em branco torna-se um lugar reparador e a escrita torna-se cuidado; um instrumento que ancora e protege, permitindo, para quem a realiza, situar o inesperado – mesmo que seja algo incompreensível e doloroso como o que aconteceu nesse período – e seguir em frente, continuando o próprio caminho de crescimento. Entre os conteúdos que emergiram, ocupam um lugar significativo a descoberta do silêncio, o valor da escuta de si mesmos e da natureza, representada em muitas escritas como um bem redescoberto e, por vezes, descoberto pela primeira vez. Até a casa assume uma

12 Nota da Autora e do Tradutor: o parágrafo foi desenvolvido por Marilena Cappellino no artigo intitulado *Scrivere di sé ai tempi del Coronavirus @Carluaticrivo*, de autoria de Marilena Cappelino e Sara Degasperri, para a Revista “Autobiografie. Ricerche, pratiche, esperienze”, n. 2, p. 125-128, 2021, disponível em Mimesis Journal (<https://mimesisjournals.com/ojs/index.php/autobiografie/article/view/1315>). Nota do Tradutor: a tradução livre de “*Scrivere di sé ai tempi del Coronavirus*” seria “Escrever sobre si mesmo em tempos de Coronavírus”.

13 Nota do Tradutor: por se tratar de palavra estrangeira, *lockdown* será escrito em itálico.

14 Nota do Tradutor: itálico da autora.

conotação diferente e torna-se um lugar para poder re-encontrar-se, re-descobrir as memórias e ordená-las para dar um novo sentido aos dias através de uma ritualidade diversa, para observar o mundo exterior por meio de janelas e sacadas, às vezes descobrindo relações de proximidade antes ignoradas.

Paralelamente, o que antes era considerado óbvio e previsível tornou-se algo precioso e desejável, como se o valor dos pequenos acontecimentos do cotidiano somente pudessem ser percebido através da ausência. E foram, sobretudo, os adolescentes que fizeram esta descoberta: exatamente eles que esperavam as férias para poder se divertir e ficar algum tempo fora da escola, nos mandaram mensagens sobre a saudade que sentiam dos colegas e dos professores, surpresos, eles próprios, ao se perceberem dizendo: “Sinto falta da escola!”.

Efetivamente, as contribuições recebidas das escolas representam mais de 30% do total, referem-se a toda península italiana e escreveram crianças do Ensino Fundamental I e adolescentes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A modalidade preferida foi a do diário que, em alguns casos, tornou-se um verdadeiro amigo imaginário a quem confiar medos e esperanças, em outros, um lugar de desabafo e de reflexão, e, em outros, ainda, um espaço de fantasia e imaginação onde vencer o ‘inimigo invisível’ que os impede de viver em liberdade. O tema da liberdade, juntamente à percepção de ser coprotagonistas de um destino comum, povoou, transversalmente, muitas escritas e suscitou reflexões sobre a crise, vista como uma oportunidade de mudança – tanto em nível pessoal como planetário –, sobre a prioridade de focalizar nossas existências nos elementos essenciais que nos conotam como seres humanos, sobre a necessidade de respeitar outras formas de vida que, conosco, fazem parte do planeta e sem as quais corre-se o risco da implosão. A escrita, portanto, não

foi somente um modo para proteger-se da dor, mas teve “função maiêutica”: ou seja, permitiu reconhecer elementos de beleza e possibilidades inéditas que podem ser descobertas mesmo em momentos difíceis e que, frequentemente, trazem ensinamentos importantes. Nas palavras de quem nos escreveu, é possível apreender um novo olhar e uma mudança de horizonte que os fizeram sentir-se vivos e vitais e que os permitiu ser tudo aquilo que era possível, mesmo na dificuldade. Um dos elementos mais importantes que o grupo de pesquisa encontrou nas escritas foi, precisamente, um renovado sentimento de esperança como instrumento para tentar salvar-se juntos e levar adiante tudo o que existe dentro de cada um somente como potencial até que seja trazido à luz. E é, exatamente, exercendo a esperança que se dá uma nova possibilidade de existência ao amanhã, mesmo que pareça tão incerto. Escrevendo são geradas novas expectativas de vida, porque esperar é sempre um pouco escrever sobre o futuro, talvez um futuro melhor. As palavras escritas tornaram-se local de importantes reflexões e representaram uma ancoragem e um motor para se reinventar em um período difícil. Muitos se conscientizaram do que é mais importante para a vida e deram voz a desejos não ouvidos há tempos. Escrever foi um modo para se “ter novos olhos”, para ouvirmos nós mesmos e o mundo, para falar de si e fazer-se conhecer de uma forma diferente também pelos outros para deixar surgir ou encontrar novas esperanças de vida e novas expectativas.

Concluo com as palavras de uma maestra que luta e “resiste” pela escola, pela educação das crianças em um momento de crise e de emergência como foi o período da pandemia em 2020 e, infelizmente, ainda hoje em curso.

[...] aquele 4 de março de 2020 foi uma quarta-feira e naquele dia eu e as crianças nos despedimos da mesma forma, com as mesmas palavras.

Separamo-nos convencidos de que voltaríamos a nos rever no dia seguinte. Em vez disso, desde então não nos encontramos mais, aquele foi o último dia de aula presencial do ano letivo 2019/2020. Ainda tínhamos tantas coisas para fazer, tantos projetos para concluir. Em vez disso, acabou assim, de repente, bruscamente. De um momento para o outro, o ensino a distância começou. [...] Enquanto isso, a paisagem circundante, serena, calma, plácida, tranquila, silenciosa (nenhum barulho de carros, nenhuma voz festiva de crianças que brincam na rua, nenhuma conversa dos transeuntes, apenas o gorjeio dos pássaros fica mais alto), imóvel, como fixado em uma fotografia, em uma imagem atemporal, com a nossa montanha refletida no mar cintilante sob os raios do sol, quase que à espera por tempos melhores, contrasta com os nossos tumultuosos sentimentos e infunde paz e serenidade, entrando em conflito com todo o resto... (Maria, Foggia).

## Referências

- AGLIERI, M.; AUGELLI, A. (orgs.). **A scuola dai Maestri**. La pedagogia di Dolci, Freire, Manzi e don Milani. Milano: Franco Angeli, 2020.
- BAGLIO, A.; BENELLI, C.; COPPOLA, P. (orgs.). **Sulla memoria**. Dialoghi tra mondo Mediterraneo e America Latina. Roma: Aracne, 2019.
- BANDINI, G.; BENELLI, C. **Maestri nell'ombra**. Competenza e passione per una scuola migliore. Padova: Amon, 2011.
- BENELLI, C. (a cura di). **Diventare biografi di comunità**. Prendersi cura delle storie di vita nella ricerca pedagogica. Milano: Unicopli, 2013.
- BENELLI, C.; COPPOLA, P. **Despliegues acerca de la memoria: polifonías necesarias**. Un diálogo entre Italia y América Latina. Santiago del Chile: CRANN Editores, 2017.
- BENELLI, C.; BENNATI, D.; BENNATI, S. **Restituire parole**. Una ricerca autobiografica a Lampedusa. Milano: Mimesis, 2019a. (Coll. "I quaderni di Anghiari").
- BENELLI, C. **Le maestre si raccontano**. In: ULIVIERI, S. (orgs.). *Le donne si raccontano*. Autobiografia, genere e formazione del sé. Pisa: ETS, 2019b. p. 281-292.
- BENELLI, C. **Raccontare comunità**. La funzione formativa della memoria sociale. Milano: Unicopli, 2020.
- BETTI, C. **Maestre e maestri**. Percorsi storiografici dal secondo dopoguerra al nuovo millennio. **Annali online...**, v. 8, numero speciale, suppl. n. 12, p. 79-96, 2016. Disponibile presso: <http://annali.unife.it/adfd/article/view/1387> Acceduto a: 15 Giu. 2021.
- CAPELLINO, M.; DEGASPERI, S. **Scrivere di sé ai tempi del Coronavirus**. Milano: Mimesis, 2021.
- DANIELI, L.; MACARIO, G. (orgs.). **Nati per scrivere**. Il paesaggio fuori e dentro de me. Percorsi di scrittura autobiografica nella scuola primaria. Milano: Mimesis, 2019.
- DEMETRIO, D. **Educare è narrare**. Milano: Mimesis, 2012.
- DEMETRIO, D. **Ricordare a scuola**. Fare memoria e didattica autobiografica. Roma-Bari: Laterza, 2003.
- DEMETRIO, D. **Pedagogia della memoria**. Milano: Meltemi, 1998.
- DEMETRIO, D. **Raccontarsi**. L'autobiografia come cura di sé. Milano, 1996.
- GENOVESI, G.; RUSSO, P. (orgs.). **La formazione del maestro in Italia**. Corso: Ferrara, 1996.
- SANTONI RUGIU, A. **Maestre e maestri**. La difficile storia degli insegnanti elementari. Roma: Carocci, 2006.

Recebido em: 20/08/2021

Aprovado em: 15/11/2021

**Caterina Benelli** é Doutora pela Universidade de Florença. Professora Associada da Universidade de Messina (Itália) onde leciona "Pedagogia da relação educativa". Colabora desde 1999 com a *Libera Università dell'Autobiografia* de Anghiari, onde coordena a Área "Projetos e Pesquisas" e cursos de especialização. Dirige a revista *Autobiografie. Ricerche, pratiche, esperienze*, Mimesis Journal. E-mail: [cbenelli@unime.it](mailto:cbenelli@unime.it)